

PST 1563

Psicologia das Relações Humanas I

Profª Drª Sandra Maria Patrício Ribeiro

Contribuições teóricas para a compreensão da realidade psicossocial



Wilfred Ruprecht Bion (1897-1979)

b) Teoria dos grupos

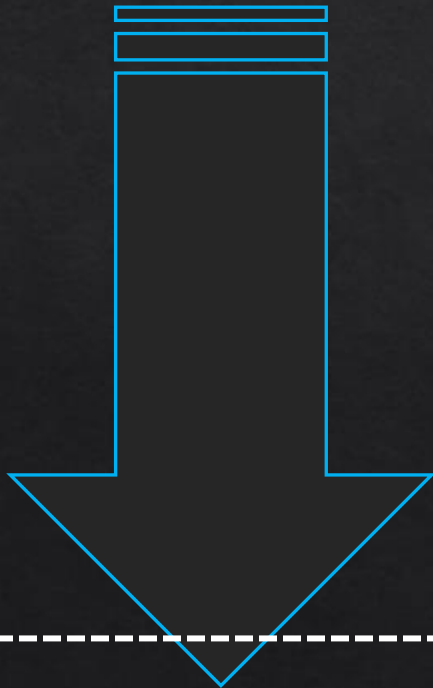
Teoria do pensar:

PRÉ-CONCEPÇÃO

Realização Positiva

(Experiência emocional de SATISFAÇÃO)

CONCEPÇÃO



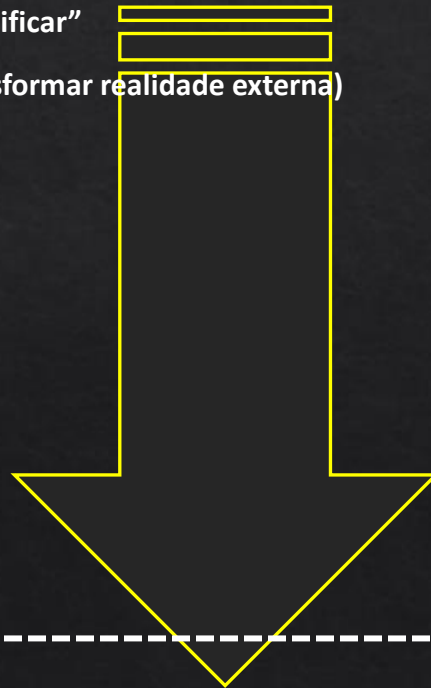
CONCEITOS

Realização Negativa

(Experiência emocional de FRUSTRAÇÃO)

TOLERÂNCIA à frustração
PENSAMENTO A SER PENSADO

“Modificar”
(transformar realidade externa)



APARELHO PARA PENSAR

INTOLERÂNCIA à frustração
“OBJETO MAU” A SER EVACUADO

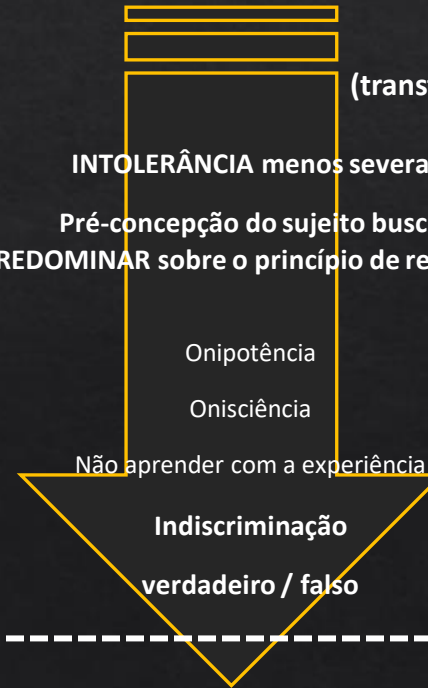
“Fugir”
(transformar realidade interna)

INTOLERÂNCIA menos severa
Pré-concepção do sujeito busca
PREDOMINAR sobre o princípio de realidade

Onipotência
Onisciência

Não aprender com a experiência

Indiscriminação
verdadeiro / falso



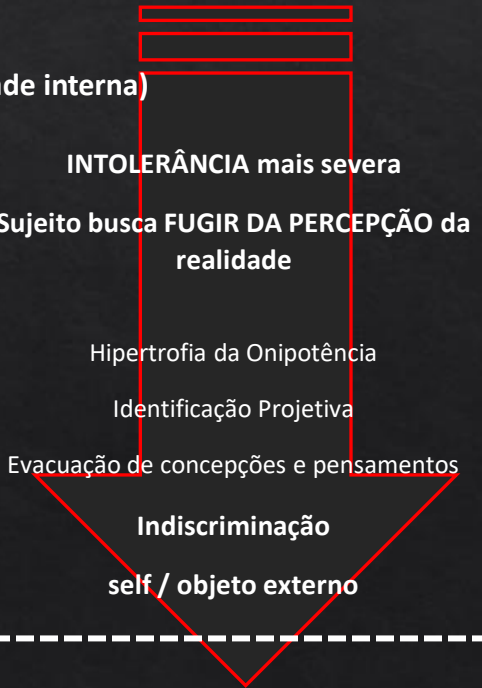
APARELHO PARA EVACUAR

INTOLERÂNCIA mais severa
Sujeito busca FUGIR DA PERCEPÇÃO da
realidade

Hipertrofia da Onipotência
Identificação Projetiva

Evacuação de concepções e pensamentos

Indiscriminação
self / objeto externo



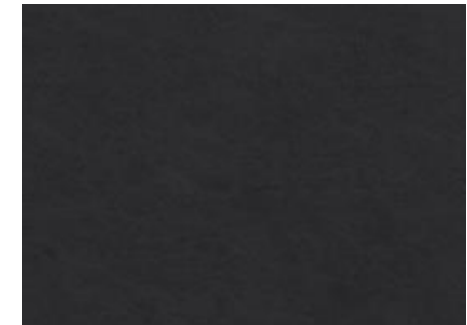
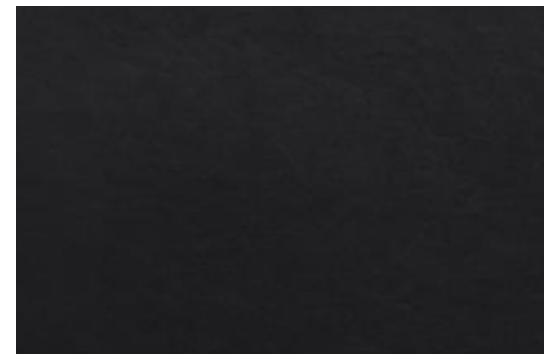
Teoria dos grupos (1):

Tensões Intragrupais na Terapêutica. Seu estudo como tarefa do grupo

- ◆ Um esquema de reabilitação (W. R. Bion)
 - ✓ Disciplina para o neurótico
 - ✓ A Experiência
 - ✓ Alguns resultados
- ◆ Aplicação da terapêutica de grupo numa enfermaria pequena (por John Rickman)
- ◆ Conclusões

* Hospital Militar de Northfield (Birmingham)

** The Lancet, 27 de novembro de 1943



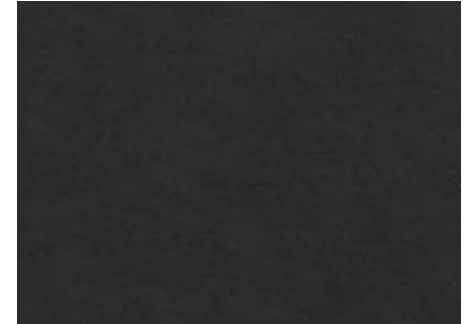
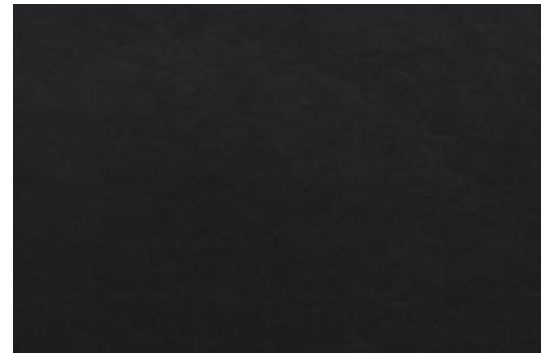
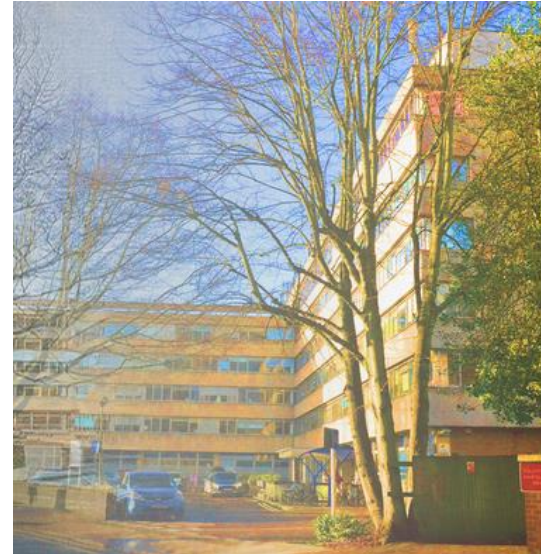
Teoria dos grupos (2):

Experiências com grupos

- ◇ Experiences in Groups: I (1948)
- ◇ Experiences in Groups: II (1948)
- ◇ Experiences in Groups: III (1949)
- ◇ Experiences in Groups: IV (1949)
- ◇ Experiences in Groups: V (1950)
- ◇ Experiences in Groups: VI (1950)
- ◇ Experiences in Groups: VII (1951)

* Clínica Tavistock (Londres)

** Human Relations, Volumes I-IV, 1948-1951



EXPERIENCES IN GROUPS: I¹

by W. R. BION

Some months ago the Professional Committee of the Tavistock Clinic asked me to take therapeutic groups, employing my own technique. Now, I had no means of knowing what the Committee meant by this, but it was evident that in their view I had "taken" therapeutic groups before. I had, it was true, had experience of trying to persuade groups composed of patients to make the study of their tensions a group task (1), and I assumed the Committee meant that they were willing that I should do this again. It was disconcerting to find that the Committee seemed to believe that patients could be cured in such groups as these. It made me think at the outset that their expectations of what happened in groups of which I was a member were very different from mine. Indeed, the only cure of which I could speak with certainty was related to a comparatively minor symptom of my own—a belief that groups might take kindly to my efforts. However, I agreed; so, in due course, I would find myself sitting in a room with eight or nine other people—sometimes more, sometimes less—sometimes patients, sometimes not. When the members of the group were not patients, I often found myself in a peculiar quandary. I will describe what happens.

At the appointed time members of the group begin to arrive; individuals engage each other in conversation for a short time, and then, when a certain

number has collected, a silence falls on the group. After a while desultory conversation breaks out again, and then another silence falls. It becomes clear to me that I am, in some sense, the focus of attention in the group. Furthermore, I am aware of feeling uneasily that I am expected to do something. At this point I confide my anxieties to the group, remarking that, however mistaken my attitude might be, I feel just this.

I soon find that my confidence is not very well received. Indeed, there is some indignation that I should express such feelings without seeming to appreciate that the group is entitled to expect something from me. I do not dispute this, but content myself with pointing out that clearly the group cannot be getting from me what they feel they are entitled to expect. I wonder what these expectations are, and what has aroused them.

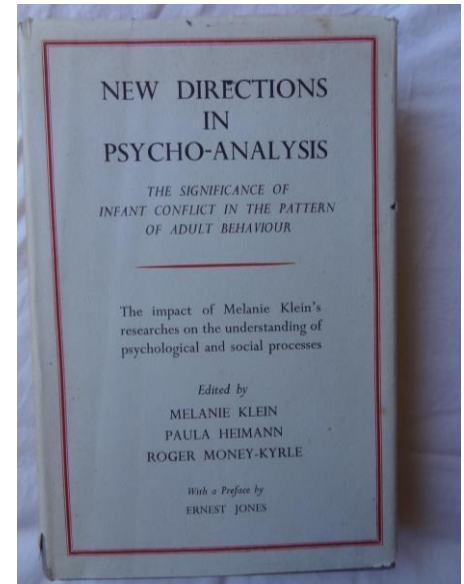
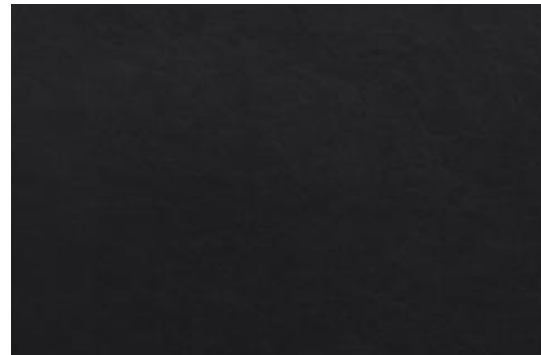
The friendliness of the group, though sorely tested, enables them to give me some information. Most members have been told that I would "take" the group; some say that I have a reputation for knowing a lot about groups; some feel that I ought to explain what we are going to do; some thought it was to be a kind of seminar, or perhaps a lecture. When I draw attention to the fact that these ideas seem to me to be based on hearsay, there seems to be a feeling that I am attempting to deny my eminence as a "taker" of groups.

¹ Dr. Bion has agreed to a suggestion from the Editorial Committee that he might contribute

Teoria dos grupos (3):

Dinâmica de Grupo: uma revisão

* Bion, W. R. (1952). Group dynamics: a review. *International Journal of Psycho-Analysis*, vol.33, Reprinted in M. Klein, P. Heimann & R. Money-Kyrle (editors). *New Directions in Psychoanalysis* (pp. 440–477). Tavistock Publications, London, 1955. Reprinted in *Experiences in Groups* (1961).



Dinâmica de Grupo: uma revisão

- ◇ Dinâmica de Grupo
- ◇ O grupo de trabalho
- ◇ Os pressupostos básicos / As suposições básicas
- ◇ Características comuns a todos os grupos de suposição básica
- ◇ Formas aberrantes de mudança de uma suposição básica para outra
- ◇ O grupo especializado de trabalho
- ◇ Suposições básicas, tempo e desenvolvimento
- ◇ Relação de uma suposição básica com outra
- ◇ Resumo
- ◇ O ponto de vista psicanalítico
- ◇ A comunicação verbal
- ◇ Resumo

Grupo = “um agregado de indivíduos, todos no mesmo estado de regressão”

- ◇ *A crença de que existe um grupo, distinto de um mero agregado de indivíduos, é parte essencial dessa regressão, como também o são as características com que o suposto grupo é dotado pelo indivíduo...*
- ◇ *... A regressão envolve o indivíduo numa perda de sua ‘diferenciação individual’, impossível de distinguir da despersonalização e, portanto, obscurece a observação de que o agregado é de indivíduos.*
- ◇ *Inversamente, se os indivíduos que compõem um ‘grupo’ forem ameaçados, por uma razão ou outra, pelo conhecimento das respectivas diferenciações individuais, o grupo ficará então num estado emocional conhecido como pânico.*

Grupo de trabalho = faceta “mental” racional, realista, das atividades de um grupo

- ◇ *Todos os grupos se reúnem para fazer alguma coisa, relacionada à realidade*
- ◇ *Todos os componentes cooperam na atividade do grupo, de acordo com suas capacidades individuais*
- ◇ *A participação na atividade do grupo exige proficiência, capacidade para a experiência e desenvolvimento mental*
- ◇ *Como as atividades do grupo engrenam-se com uma tarefa, relativa à realidade, seus métodos são racionais e, portanto, científicos, por mais embrionária que seja a sua forma (= “ego”)*
- ◇ **NOTAR:** *O termo abrange apenas a atividade mental de uma certa espécie, não as pessoas que a ela se dedicam*

Os pressupostos básicos / As suposições básicas

- ◇ *A atividade do grupo de trabalho é obstruída, desviada e, em certas ocasiões, ajudada por outras atividades mentais que têm em comum o atributo de poderosos impulsos emocionais*
- ◇ *Essas atividades, à primeira vista caóticas, recebem uma certa coesão se partirmos do princípio de que promanam de pressupostos básicos comuns a todo o grupo*

◇ p. 168

Os pressupostos básicos / As suposições básicas

- ◊ **DEPENDÊNCIA:** *O grupo se reuniu a fim de ser sustentado por um líder [carismático], do qual depende para nutrimento material e espiritual, e para proteção (p. 168)*
- ◊ **ACASALAMENTO:** *O grupo nutre a esperança de que, de um “emparelhamento” de dois indivíduos, venha a surgir (no futuro) um Messias [“líder” místico; “não nascido” – uma pessoa, idéia ou utopia], que salvará o grupo. Aqui, os “manipuladores” tendem a alimentar a esperança dos componentes do grupo e, ao mesmo tempo, a agir de modo a que elas não se concretizem (p. 172-173)*
- ◊ **ATAQUE-FUGA:** *O grupo se reuniu para lutar contra alguma coisa ou fugir dela. O líder aceito [caudilho] é aquele cujas exigências permitem ao grupo a oportunidade de fuga ou de agressão – se ele exigir que não se faça nem uma coisa nem outra, é ignorado (p. 173)*

Conceitos importantes:

- ♦ **MENTALIDADE DE GRUPO** = Expressão unânime da vontade do grupo, para a qual os indivíduos contribuem anonimamente (*“por maneiras de que não se dá conta”...*) → fenômeno da vida mental do grupo que causa dificuldades para o indivíduo, na perseguição de seus próprios objetivos (de pensar a realidade, de aprender com a experiência etc.)
- ♦ **CULTURA DE GRUPO** = Aspectos da vida grupal engendrados pelo conflito entre a mentalidade do grupo e a de cada indivíduo (pulsões, desejos, percepção, afeto, cognição, vontade, interesse etc.) → eventualmente identificados como incoerências, hipocrisias, lapsos, contravenções etc..
- ♦ **SISTEMA PROTOMENTAL** = Sistema arcaico, no qual os fenômenos orgânicos e psíquicos são/estão indiferenciados → matriz tanto das “pré-concepções” (teoria do pensar) quanto dos “pressupostos básicos” (teoria do grupo)
- ♦ **VALÊNCIA** = Atributo individual (próprio da vida mental do indivíduo) que o predispõe a ligar-se emocionalmente ao pressuposto básico do grupo → garante a força de coesão grupal

Grata!